

MARIA DE BRAGANÇA

“INFANTA D. BRANCA”

• Esta notavel princeza é filha do sr. D. Miguel de Bragança que reinou cinco annos em Portugal com applauso de muitas almas piedosas e grande escandalo de toda a impiedade.

MARIA DE BRAGANÇA

(INFANTA D. BRANCA)

VERSOS

POR

BULHÃO PATO



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO FUTURO

Rua de S. Boaventura, 57

1874

Quando os carlistas entraram em Cuenca, o bispo, cumprindo a sua missão de paz e caridade, apresentou-se a D. Branca pedindo-lhe protecção para os voluntarios que se refugiaram no paço episcopal. A esposa de D. Affonso, com uma crueldade e fereza tão propria da causa que representa, despediu brusca-mente o prelado, dizendo-lhe: «Y tu dá gracias a Dios de que no se haja contigo lo que con ellos.»

Esta princeza é filha do sr. D. Miguel I, que foi rei de Portugal.

(Diario Illustrado, 27 de julho de 1874).

MARIA DE BRAGANÇA

Honrando os manes de seu pae e pedindo auxilio
aos seus parciaes politicos de Portugal

Maria de Bragança, honras teu pae na tumba!
A forza era tardia:—ao cabo da batalha,
Contra o vencido inerme empregas a metralha,
Para que emfim succumba,
Por toda a eternidade,
A vibora infernal chamada «liberdade».
Maria de Bragança, honras teu pae na tumba!

Farejando, de largo, a terra onde rebenta,
Ao sopro da impiedade, a flôr da nova-idéa,
Invocas, do passado, a esplendida odisséa,
Nas sanguineas visões da sanha truculenta!
Ouvindo a tua voz, respondem-te de cá,
Accesos na paixão dos mais sinceros brios,
Co'as orelhas em pé, desenfreados já,
Os onagros bravios!

Estas devotas do altar,
Lavam a palma ao diabo,
A pala capta e rido,
«Com ser felpado e ter galhos;
Por-se comtigo a rosnar;
Mordido de inveja a um canto,
Dos serros do Padre Santo,
Estavas, vindo este rasgo

**Em Cuenca. A mãe e o filho assassinado.
O diabo mordido de inveja.**

Tem a pobre mãe viuva
Um filho a lutar co'a morte ;
Sente um bramido mais forte,
Escuta, em trances mortaes !
Metteram hombros á porta...
—«Ó Mãe Santissima, ó Christo,
Por tuas chagas !!...» e n'isto
Vê entrar os cannibaes.

A mãe agarra-se ao filho ;
Arranca-o de sobre o leito,
Soltando um grito do peito,
Que não descreve ninguém !
Responde uma gargalhada
Áquelle terrivel brado,
E é o filho assassinado
Nos proprios braços da mãe !

Satanaz, vendo este rasgo
Dos servos do Padre Santo,
Mordido de inveja a um canto,
Poz-se comsigo a rosnar :
«Com ser felpudo e ter galhos,
A pata caprina e rabo,
Levam a palma ao diabo,
Estes devotos do altar.»

A esposa e o esposo

Corre na praça e nas ruas,
O incendio, o roubo, o assassinio;
Não escapa ao morticinio
O proprio infante, sequer.
São da soldadesca infrene
Os instinctos revoltantes?
São as ordens terminantes
De D. Affonso e a mulher.

Tem elle os seus vinte e cinco,
Ella vinte e dois, apenas;—
Que duas almas serenas,
Que duas feras reaes !...
Algumas nodoas de sangue,
Da canalha turbulenta,
Vão laval-as n'agua-benta
Dos paços episcopaes.

A princeza orando na hora da carnificina.

«Rei e Deus do Vaticano,
Fulminador dos atheus,
Já corre ás ondas, ó Deus,
O sangue republicano.

«Acaba o maldicto jugo
Do Progresso e da Heresia;
Está muito perto o dia
Dos padres e do verdugo.

«Mas de dinheiro, Senhor,
Vão-se quantias pasmosas!
Acode ás almas piedosas,
Com teus reclamos d'amor!

«Correram d'oiro... caudaes
Em nome do communismo:
Em Alcoy foi.... um abysmo,
E em Carthagena... inda mais!

«A aurora aponta vermelha,
 Como os teus sonhos e os meus:
 Vão esmagar-se os plebeus,
 Sob a mol' da «rocha velha!»

«Ditosa da humanidade,
 Se antes de morrer na cruz,
 Não fallara o bom Jesus
 Em «Liberdade e Igualdade!»

«A idéa fundamental
 Dos Evangelhos de Christo,
 Ha muito que se tem visto
 Ser uma idéa fatal!»

«Ufane-se o coração
 Dos Catholicos-Romanos,
 Que ás mãos dos Ultramontanos,
 Succumbe o mundo christão!»

«Se a Allemanha, renegada,
 Nos move uma guerra atroz,
 Temos a França por nós,
 Como fiel alliada.

.....

«A benção do teu amor,
 E mais alguns capitaes,
 Que se fundem cabedaes
 N'esta cruzada — Senhor!»

«A autora aponta verdadeiras
 Como os teus sonhos e os meus :
 Vão esmagar-se os plebeus
 Sob a mol' da «rocha velha!»

«Dilosa da humanidade,
 Se antes de morrer na cruz
 Não fallara o bom Jesus
 Em «liberdade e igualdade!»

A princeza e o Bispo

Do altar, as luzes morticças,
 Derramam clarão sumido,
 Sobre um Christo esmorecido
 Á voz d'aquella mulher ;
 Mas o bispo vendo a infanta
 A orar, com tanta humildade,
 Disse :—«É Ella a caridade,
 E é quem nos pode valer!»

Deitou-se-lhe aos pés clamando :
 —«Perdão para os desgraçados!»
 —«Ó bispo, os nossos soldados
 Necessitam de expansão ;
 E tu... cuidado, cuidado,
 Não rogues tanto por elles,
 Que o que se dá com aquelles...»
 E pediu a communhão.

Princesa semi-dea,— enflora-te de palmas
 A religião do amor, e o Deus do Vaticano,
 O Deus confortador das peregrinas almas,
 Enquanto á tua voz corre a sangrenta orgia,
 Para animar no ardor d'esse trabalho insano,
 Teu seio fatigado,
 Desce a ti, transformado,
 No milagroso pão da Santa-Eucharistia !

Não podendo encarar a esphera rutilante,
 Depois da communhão,
 Contemplas esse mar vermelho e fumegante,
 Que brotou, aos cachões, das veias da heresia,
 E, em nome do diabo, e throno, e cleresia,
 Carnifice princesa,— exulta, triumphante,
 Teu nobre coração !

Embalde exultará !— E em vão tiras agora,
 Ó Roma dos fieis, a colubrina espada.
 Á batalha campal venha o teu mundo, embora !
 Contra a idéa «porvir», todo esse mundo é nada !

Prosiga a saturnal no curso delirante ;
 O sangue do martyrio as almas retempera.
 Depois da tempestade, a aurora deslumbrante :
 Traz caudaloso inverno, a florea primavera.

As torvas maldições dos animaes nocturnos,
 Á voz dos clericaes — praga da humanidade —
 Respondem, na officina, os canticos diurnos,
 E os hymnos do progresso — ao sol da liberdade !

Serenas, no futuro, as paginas da historia,
 Narrando o feito audaz da reacção preclara,
 Juntarão esta gloria á immarcessivel gloria
 Dos sagrados annaes do sceptro e da tiara.

Dure, embora, algum tempo, a lucta nas Hespanhas
 Das trevas surgirá a luz do grande dia!...
 Emquanto o bronze acorda os echos das montanhas,
 E as cegas illusões crescem na sachristia :

A sciencia, que opera esforços sobrehumanos,
 Que liga, por um fio, o velho ao mundo novo,
 Não pára a construir o throno dos tyrannos,
 Corre, ovante, e proclama a redempção do povo !

FIM.

